

Frederico Alves Lopes

VIII ENCONTRO NACIONAL SOBRE O ENSINO DE SOCIOLOGIA
NA EDUCAÇÃO BÁSICA

GT 10:

A transposição didática da esfera acadêmica à regência no ensino de sociologia

**SOCIOLOGIA URBANA: PENSANDO A CIDADE NO ENSINO
MÉDIO**

Belém, Pará

2023

SOCIOLOGIA URBANA: PENSANDO A CIDADE NO ENSINO MÉDIO

Frederico Alves Lopes ¹

RESUMO

O presente trabalho objetiva pensar a regência de conteúdos da Sociologia Urbana na educação básica, com foco na problemática das cidades contemporâneas. O itinerário metodológico se baseia na tentativa de criar uma transposição do conhecimento teórico da Sociologia Urbana para o currículo do Ensino Médio, com a divisão temática para os três anos de ensino. A justificativa desse estudo se baseia na importância da problemática urbana para o desenvolvimento geral da ciência sociológica. Diversos autores buscaram analisar as características desse fenômeno que é a cidade, como Louis Wirth, Zygmunt Bauman, Simmel, entre outros. Não é possível separar o nascimento da Sociologia como ciência, pautada na produção clássica de Karl Marx, Émile Durkheim, Harriet Martineau e Max Weber, com a explosão das cidades europeias. É no bojo das transformações econômicas, políticas e sociais metropolitanas que surge uma ciência da sociedade, como uma tentativa de reflexão e solução para a intensificação das transformações e dos problemas nas cidades: desemprego, violência, dificuldade de mobilidade, ausência de moradia, epidemias, poluição, industrialização acelerada, entre outros. Conclui-se que a Sociologia Urbana se mostra uma área com potencialidade para articular a vivência cotidiana dos estudantes com as teorias. Os planos de aula apresentados visam a interlocução entre essa realidade vivida na cidade e pensada pelos sujeitos envolvidos no processo educativo.

Palavras-chave: Sociologia Urbana; Cidade; Ensino Médio; Transposição do Conhecimento.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho - fruto da monografia de conclusão de curso da especialização em Ensino de Sociologia para o Ensino Médio, cursada na Universidade Federal de São João Del Rei, sob orientação do professor Tulio de Oliveira Tortoriello, no ano de 2008 -, objetiva pensar a regência de conteúdos de Sociologia Urbana na educação básica, com foco na problemática das cidades contemporâneas.

Falar de Sociologia no ensino médio é contar uma história cheia de idas e vindas, com momentos ora para introdução, ora por sua exclusão, como disciplina no ensino básico. De 1882 até 2023, a ciência da sociedade entrou e saiu por várias vezes dos currículos escolares, ficando sempre a mercê da conjuntura do momento. Em 1996, assistimos à efetivação da Sociologia, com os conteúdos tornando-se obrigatórios, através da Lei de Diretrizes e Bases da Educação.

¹ Cientista Social e Doutorando Latino-Americano em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais, a.fredlopes@gmail.com;

Em 2001, o sociólogo e ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, ironicamente, veta o projeto (já aprovado pelo Congresso) de inclusão da Sociologia e Filosofia, enquanto disciplinas obrigatórias no Ensino Médio. Em 2008 a Lei 11.684 altera a LDB inserindo a Sociologia (e também a Filosofia, disciplinas irmãs) como obrigatória nos currículos do ensino médio de todas as escolas brasileiras. É a partir desse momento que se intensifica a produção sobre a Sociologia no ensino médio, sobre seus objetivos, seu currículo, seu papel.

Após o Golpe Institucional que se passou no país, a disciplina da sociedade volta a ser atacada, deixando novamente de ser obrigatória nos currículos do ensino básico, após a aprovação da Medida Provisória nº 746, de 2016, conhecida e rejeitada sobre fortes protestos: MP do Ensino Médio – atualmente, Novo Ensino Médio, que também está em xeque.

Pensar como a Sociologia pode se fortalecer enquanto disciplina e ainda contribuir para o enfrentamento dos problemas da educação no nosso país é fundamental. Uma forma é pensar estratégias de ensino que despertem o interesse do jovem pela escola, e conseqüentemente pela escola, mudando a nossa tradição conteudista, que não atende as necessidades práticas, evidenciando a falta de diálogo, para propor metodologias adequadas.

Desse modo, apresenta-se uma proposta de Plano de Ensino de Sociologia no Ensino Médio, focado na área de Sociologia Urbana, com temas e debates relevantes sobre as cidades contemporâneas, com base em um currículo plural, diverso, que defenda uma educação com missão emancipadora e libertária.

1º ANO	
TEMA	NÚMERO DE AULAS
Industrialização e Urbanização	4
Simmel e a Metrópole	4
2º ANO	
TEMA	NÚMERO DE AULAS
De Quem é a Cidade?	4
Ecologia e Meio Urbano	4
3º ANO	
TEMA	NÚMERO DE AULAS
Tribos Urbanas	5
Juventude e a Cidade	6

METODOLOGIA

O itinerário metodológico do presente trabalho se baseia na tentativa de criar uma transposição do conhecimento teórico da Sociologia Urbana para o currículo do Ensino Médio, com a divisão temática para os três anos de ensino.

Vale salientar, que o início da ciência sociológica se confunde com o surgimento das metrópoles, isso é, os centros urbanos de grande porte, por volta do século XIX, durante a explosão das capitais europeias.

Vivendo em Berlim na virada do século, Georg Simmel, um dos sociólogos que se debruçaram nos estudos da sociabilidade urbana e considerados por alguns um clássico, presenciou um momento instigante e conturbado da capital alemã. Entre 1867 e 1913, Berlim, capital da Alemanha, cresce de 700 mil para 4 milhões de habitantes, transformando-se em uma das maiores metrópoles mundiais (FREITAS, 2007).

Neste cenário, Simmel analisou fenômenos aparentemente díspares, tais como a moda, a prostituição, o dinheiro, o indivíduo, a liberdade, o estrangeiro, a religião, o conflito, o coquete, entre outros, todos estes elementos presentes nas grandes cidades modernas. Simmel demonstra consciência que toda a sua obra está atrelada à urbanidade berlinense: “a evolução de Berlim de cidade a metrópole nos anos anteriores e posteriores ao começo do século coincide com meu desenvolvimento mais amplo e intenso” (SIMMEL, 1979).

Deste modo, aposta-se para início dos estudos de Sociologia Urbana no ensino médio uma análise do que é a urbanização, e sua relação com a industrialização, dialogando com a teoria sociológica simmeliana. Para o segundo ano apresenta-se a temática do meio ambiente e das lutas urbanas. Finalizando o terceiro ano, tendo como objetivo desenvolver uma atitude de interesse, respeito e reflexão perante à diversidade de identidades culturais nas grandes cidades e a problematização da condição juvenil nos grandes centros.

DESENVOLVIMENTO/REFERENCIAL TEÓRICO

A justificativa desse estudo se baseia na importância da problemática urbana para o desenvolvimento geral da ciência sociológica. Diversos autores buscaram analisar as características desse fenômeno que é a cidade, como Louis Wirth, Zygmunt Bauman, Simmel (1998), Henry Lefebvre (1991) entre outros. Não é possível separar o nascimento da Sociologia como ciência, pautada na produção clássica de Karl Marx (1988), Émile Durkheim, Harriet Martineau e Max Weber, com a explosão das cidades europeias.

É no bojo das transformações econômicas, políticas e sociais metropolitanas que surge uma ciência da sociedade, como uma tentativa de reflexão e solução para a intensificação das transformações e dos problemas nas cidades: desemprego, violência, dificuldade de mobilidade, ausência de moradia, epidemias, poluição, industrialização acelerada, entre outros. Ou seja, a vida na cidade estava mudando, mas por que a sociedade ainda se mantinha integrada, mesmo com as mudanças? Eis, as primeiras indagações feitas pelos sociólogos clássicos.

Deste modo, podemos afirmar, a Sociologia é herdeira da modernidade, da urbanização e da industrialização. E os estudos sobre a cidade são um aprofundamento da análise social aplicada ao cenário urbano. Morris (1972, p. 14), estudioso sociólogo estadunidense, afirma nesse sentido, que a cidade é “significativa não só porque é grande e densamente povoada [ou] porque a sua organização tende a ser diferente da do campo, mas também porque influencia e é influenciada por grupos membros que vivem muito além de suas fronteiras.”

A seguir apresentamos a organização das aulas, com divisão temática para turmas dos três anos do ensino médio, com foco na área da Sociologia Urbana.²

A CIDADE NÃO PARA

Neste capítulo apresenta-se um plano de aulas para o primeiro ano do ensino médio com o objetivo de aproximá-los da área de estudo intitulada Sociologia Urbana, um ramo da disciplina geral de Sociologia, com aprofundamento das análises sociológicas aplicadas ao cenário e problemas da cidade. Mas, afinal, o que é a cidade?

A partir do termo em latim *civitas*, cidade originalmente denota “condição ou direitos dos cidadãos”. A palavra grega *urbs*, por sua vez, abrange seu aspecto material, urbanístico da cidade, com seu traçado urbano das ruas, casas, praças e palacetes. De forma sintética a palavra “cidade” congrega duas dimensões: polis/civitas e a urbs. “Por polis (grego) ou civitas (latim) a cidade é entendida como a reunião das pessoas num agrupamento coletivo, em torno de um bem comum e de uma origem”, um presente e um destino que se quer compartilhados (BRANDÃO, 2013, p. 38). Assim, essa primeira dimensão representa o aspecto sócio-político da organização dos moradores enquanto cidadãos. A outra dimensão, a Urbs, “é o termo que usamos para designar o espaço e os edifícios que construímos para dar lugar a essa reunião” (*ibidem*). Ou seja, erguemos a

² O autor permite a utilização e adaptação das aulas aqui apresentadas para outros docentes e estudantes de Sociologia.

cidade, seus espaços e edifícios, como um local para “encontrarmos-nos com os outros e para construirmos a nós mesmos, a nossa liberdade e a nossa felicidade” (*ibidem*).

O início da ciência sociológica se confunde com o surgimento das metrópoles, isso é, os centros urbanos de grande porte, por volta do século XIX, durante a explosão das capitais europeias.

Não obstante, aposta-se para início dos estudos de Sociologia Urbana no ensino médio uma análise do que é a urbanização, e sua relação com a industrialização, dialogando com a teoria sociológica simmeliana.

1.1 Tema: Industrialização e Urbanização

Aula 1: Discussão e construção dos conceitos básicos do processo de industrialização e urbanização e no Brasil e no mundo.

Apresentar no quadro os conceitos, depois buscar junto aos estudantes exemplos concretos que ilustram as definições apresentadas. Ao final uma breve discussão dos principais problemas urbanos.

O que é Urbanização? É a transformação de espaços naturais e rurais em espaços urbanos, concomitantemente ao êxodo rural com a transferência em larga escala de população do campo para a cidade.

Espaço urbano: É constituído das cidades industriais do sec. XIX, metrópoles no século XX e as megalópoles no sec. XXI.

Rede Urbana: Composta por milhares de pequenas cidades, centenas de cidades médias, algumas metrópoles e específicas megalópoles.

Para existir uma verdadeira rede urbana é necessária uma intensa urbanização e industrialização do espaço. A rede urbana pressupõe não apenas um grande número de cidades e de população urbana, mas também, mobilidade intensa de pessoas, informações e mercadorias.

- 1) Cidades Industriais: expansão urbana pelo trabalho e produção industrial.
- 1) Metrópoles: centros urbanos de grande porte.
- 2) Megalópoles: conurbação de metrópoles.
- 3) Conurbação: quando os limites físicos das cidades estão muito próximos, parecem se unir.

Principais problemas urbanos atuais: desigualdade e segregação socioespacial, subemprego, moradia e violência urbana.

Atividade em casa: buscar nos jornais ou internet matérias relacionadas aos problemas encontrados na cidade. Pesquisar por 3 semanas e levar na aula 4.

Aula 2: Apresentação de uma adaptação do filme “Tempos Modernos” de Charles Chaplin (Anexo I), com duração de 45 minutos.

Atividade em casa: Elaborar no caderno uma pequena sinopse crítica do filme assistido e levar na próxima aula.

Aula 3: Retomar o filme da aula anterior para dialogar e sintetizar os conceitos de industrialização e urbanização, apresentados na primeira aula. O que os estudantes compreenderam dessa obra clássica da sétima arte?

Qual o contexto do filme?

Tempos Modernos é um filme que retrata a vida urbana nos Estados Unidos no início do século XX, demonstrando os modos de produção industrial baseados na divisão e especialização do trabalho na linha de montagem.

Como dialoga com a industrialização?

O modelo de produção representado pelo trabalho do operário (Chaplin) é o Fordismo: baseado na divisão do trabalho, onde cada operário fica responsável por uma etapa do processo produtivo.

Consequências da intensificação do trabalho industrial?

A produção em massa deve ser realizada no menor tempo possível, a repetição de exercícios por parte do operário causa a alienação do mesmo. Que passa a conhecer somente uma pequena parte do processo geral de produção, se desconectando do fruto do seu trabalho através da fragmentação e repetição.

Quais partes chamaram mais atenção no filme? Estabelecer uma discussão a partir da crítica de Chaplin sobre o processo de industrialização e seus resultados na sociabilidade urbana.

Aula 4: Apresentação pelos estudantes das matérias pesquisadas em jornais e revistas sobre os principais problemas existentes na cidade.

Atividade em sala: Dividir a turma em grupos de 5 pessoas para trocar e discutir os problemas que mais aparecem. A partir das matérias, cada grupo irá construir um cartaz de notícias, formando um mosaico dos problemas a se enfrentar na cidade. Expor o mosaico no corredor da escola para incentivar a leitura e a compreensão dos problemas urbanos existentes.

Aula 5: Leitura coletiva do texto “Brasil Urbano?” (Anexo II). Discutir e responder no caderno as perguntas com a definição dos conceitos básicos trabalhados nas últimas aulas: 1) O que é Urbanismo? 2) O Brasil é urbano? Explique! 3) Qual a característica da nossa urbanização?

Materiais de Referência:

CHAPLIN, Charles. Tempos Modernos. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=HAPilyrEzC4>>

BOMENY, Helena; FREIRE-MEDEIROS, Bianca (orgs.). Tempos modernos, tempos de sociologia. Ed. Do Brasil: FGV, 2010.

1.2 Tema: Simmel e a Metrópole (5 aulas)

Aula 1: Apresentação da vida e obra do sociólogo alemão Georg Simmel. Com a leitura da página 95 do livro didático “Sociologia em Movimento (2016)”, apresentando um breve resumo biográfico e suas principais obras. Ao final passar como atividade de leitura em casa do pequeno texto “As grandes cidades e a vida do espírito” (Anexo III) para a próxima aula.

Aula 2: Discussão dos pontos centrais do texto “As grandes cidades e a vida do espírito”. Quem foi esse autor alemão? Por que para alguns ele é considerado um clássico e por muitos marginalizado? Qual a caracterização que faz Simmel dos séculos XVIII e XIX? O que entenderam do texto? Quais as dificuldades de leitura?

Aula 3: Leitura coletiva do texto Georg Simmel e a vida na metrópole (Anexo IV), para refletir sobre a perspectiva da teoria simmeliana, sua proposta dialética, sua caracterização do indivíduo na metrópole em comparação com a vida na cidade pequena, sintetizando os conceitos simmelianos de atitude de reserva, blasé, multidão, sociabilidade e individualização. Ao final passar como atividade em casa escutar a

música “Lucro” (Anexo V) do grupo Bayana System, buscando prestar atenção na letra e na mensagem que a obra passa.

Aula 4: Escutar as músicas Negro Drama (Anexo VI) e Vida Loka Parte II (Anexo VII), do grupo de Rap Racionais MC’s, buscando refletir, a partir das letras e melodias, sobre a centralidade do dinheiro na vida na metrópole, aproximando a teoria de Simmel com as músicas dos Racionais. Comparar as letras do grupo Racionais produzida no final dos anos 90, com a música escutada em casa, do grupo Bayana System, produzida em 2017. Quais aspectos centrais aparecem nas músicas? Qual a semelhança e diferença nas descrições de cidade presente nos Racionais e Bayana System? Qual a relação existe em Simmel, quando ele afirma que o “Dinheiro é o Deus da vida moderna” com as músicas dos Racionais, onde Mano Brown canta que “[...] em São Paulo Deus é uma nota de cem”?

Aula 5: Exercício Avaliativo (Anexo VIII) em dupla, objetivando a reflexão e aplicação dos conceitos de Georg Simmel estudados nas últimas aulas. A partir das discussões sobre a teoria simmeliana e a vida na metrópole, escolha duas das três questões e responda. Para o desenvolvimento da atividade pode-se fazer consultas aos textos e aos livros. Entregar em folha separada e à caneta.

Materiais de Referência:

BOMENY, Helena; FREIRE-MEDEIROS, Bianca (orgs.). *Tempos modernos, tempos de sociologia*. Ed. Do Brasil: FGV, 2010.

SIMMEL, Georg; PARK, Robert Ezra; WEBER, Max; et al. *O Fenômeno Urbano*. Zahar Editores, 1979.

SIMMEL, Georg. “As grandes cidades e a vida do espírito”. *Mana*, nº 11, vol. 2, pp. 577-591, 2005.

SIMMEL, Georg. “O estrangeiro”, in: MORAIS FILHO, Evaristo (org.) *Simmel*. São Paulo, Ática, 1983, pp. 182-188.

A CIDADE SÓ CRESCE

Neste capítulo apresenta-se uma proposta de ensino da área de Sociologia Urbana para o segundo ano do Ensino Médio, com a discussão sobre Meio ambiente, os problemas ambientais presentes no cenário urbano.

Busca-se nesse plano de aulas refletir sobre as questões centrais: Quais são os problemas urbanos presentes nas cidades contemporâneas? Como esses problemas se manifestam? Quais iniciativas populares se produzem na cidade? Que iniciativas bem-sucedidas encontramos em outras cidades do mundo? Como a população lida com esses temas na cidade? O que fazer para melhorar a qualidade de vida da população nessas temáticas?

Relacionando a temática ecológica com as desigualdades presentes nos centros urbanos, ou seja, tentando responder a indagação central: de quem é a cidade? Deste modo temos planejado cinco aulas para a questão do meio ambiente e cinco aulas para a discussão das desigualdades nas cidades.

2.1 Tema: Ecologia e Meio urbano (5 aulas)

Aula 1: Pedir aos estudantes para olharem para fora da sala e desenharem aquilo que mais representa o meio ambiente – individual ou em grupo, após trocar os desenhos e pedir cada um para explicar o que o outro quis identificar. Discutir os desenhos e perguntar onde o ser humano vive? Aquele espaço sempre foi assim? O que o modificou? Como o meio se modifica? A responsabilidade é de quem? Individual ou coletiva? Empresas, indústrias, agronegócio ou os indivíduos são mais responsáveis?

Aula 2: Ler o texto “Natural ou Social” (Anexo IX) e depois problematizar com as questões:

Meio ambiente natural ou social?

Ambiente modificado pelos homens - Necessidade? Consumismo? Quem cria a demanda? Quem controla? É possível viver sem problemas ecológicos? Como proceder? Como seria uma cidade em plena harmonia ambiental e social?

Aula 3:

Debate sobre crise hídrica

Uso da água; necessidade x consumo; maiores responsáveis pela poluição e gasto de água; como proceder com nossos rios e córregos? A canalização dos cursos d'água é uma boa ou ruim alternativa, porque? Propostas de soluções. Pesquisar experiências

bem sucedidas de cidades que não fizeram a canalização (ou descanalizaram) os leitos dos rios – Paris e o Rio Sena; Londres e o rio Tâmis, Seul e o rio Cheonggyecheon, Cleveland e o rio Cuyahoga, entre outras.

Aula 4:

Leitura da carta do Cacique de Seattle (Anexo X) e proposição de análise e discussão a respeito da utilização do meio ambiente, o debate entre conservadorismo e exploração, ou seja, a vida humana em relação com questão ecológica e os recursos naturais. Apresentar a diversidade cultural dos povos originários e indígenas e sua relação com o meio ambiente. É possível viver em harmonia ambiental e ecológica? Existe harmonia ambiental?

Aula 5:

Apresentar os vídeos e após realizar uma discussão coletiva sobre consumismo, lixo, obsolescência programada, produção e movimento ecológico.

- A história das coisas (The Story of Stuff), (21'27) (Anexo XI)
- Ilha das Flores; direção de Jorge Furtado (10'28'') (Anexo XII)

Materiais de Referência

Vídeo: A história das coisas (The Story of Stuff), (21'27)

Vídeo: Ilha das Flores; direção de Jorge Furtado (10'28'')

2.2 Tema: De quem é a cidade? (5 aulas)

Aula 1: Fazer dinâmica da batata quente e desenho no quadro – em quem parar a música vai ao quadro e desenha ou escreve algo relacionado ao urbano/cidade - os próximos devem relacionar com os anteriores; depois discutir a imagem que formou. Os conceitos apresentados devem levar à reflexão sobre o que é a cidade, quais aspectos que a definem? O que é urbano?

Aula 2: Apresentar os elementos de constituição do espaço urbano a partir do texto “As cidades” (Anexo XIII), buscando apresentar a cidade como espaço de conflitos para refletir sobre as desigualdades presentes.

Econômicos: acesso a emprego/ mendicância/ moradores de rua;

Moradia: prédios e casas vazios - especulação imobiliária/ favelização/ periferização/ ocupações urbanas;

Estéticos: centro arborizado, arrumado, pintado - “sem mendigos” / pichação - grafites;

Culturais: espaços de lazer e cultura/ parques gratuitos;

Raciais: criminalidade/ violência/ genocídio;

Aula 3: Apresentar o vídeo “De quem é a cidade?” (8:00) (Anexo XIV). Após o vídeo buscar discutir e problematizar os principais agentes que compõem o cenário urbano: moradores, movimento ecológico, movimento dos sem-teto, prefeitura, empresas do setor imobiliário. Buscando ao final refletir, se há quem pertence a cidade.

Aula 4: Dividir a turma para o Trabalho em Grupo. O objetivo do trabalho é Produzir e divulgar um Zine (Jornal Artesanal) sobre um tema urbano: lixo, mobilidade, moradia, alimentação, espaço público, água ou violência. Cada sala irá produzir sete Zines, um por grupo. Utilizar a Revista Urbana “Piseagrama” como material de referência. O foco do Zine será a cidade em que moram, com informações sobre como esses temas estão presentes na região, e como resolver ou melhorar esses problemas. Cada grupo fazer uma tiragem de 50 exemplares, que serão lançados e distribuídos na semana posterior ao Exercício Avaliativo, como fechamento da discussão sobre de quem é a cidade e sua relação com o meio ambiente.

Aula 5: Exercício (Anexo XV) objetivando uma avaliação do conteúdo trabalhado. Esse exercício com três questões busca suprir uma demanda de muitas escolas por esse tipo de avaliação, obrigatória e aplicada por todas as disciplinas em uma semana especial, a “semana de provas”. Com três questões básicas sobre a cidade, contendo como base a música “A Cidade” do grupo Nação Zumbi e Chico Science. Para a avaliação sugere-se passar a música no som para toda a turma.

Materiais de referência:

Piseagrama, Revista Urbana: <https://piseagrama.org/>

Vídeo de quem é a Cidade?: <https://www.youtube.com/watch?v=haUr5jV2Kfs>

Música A Cidade, Chico Science e Nação Zumbi: <https://www.youtube.com/watch?v=UVab41Zn7Yc>

Música Homem na Estrada, Racionais Mc's: <https://www.youtube.com/watch?v=02-h9t0VpVI>

Filme “A Cidade é uma Só??:” <https://www.youtube.com/watch?v=7uS4YnqPWLU>

A CIDADE SE APRESENTA CENTRO DAS AMBIÇÕES

Neste capítulo apresenta-se uma proposta de trabalho para turmas do terceiro ano do ensino médio, como continuidade aos estudos sobre Sociologia Urbana dos anos anteriores, tendo como objetivo desenvolver uma atitude de interesse, respeito e reflexão perante à diversidade de identidades culturais nas grandes cidades e a problematização da condição juvenil nos grandes centros. Aqui, para as turmas que estarão formando o ensino médio, propõem-se uma discussão sobre a juventude, as tribos urbanas e como os jovens vivem e ocupam a cidade.

3.1 Tema: Tribos Urbanas (5 aulas)

Aula 1: Introdução do tema e exibição do documentário e discussão sobre tolerância.

Documentário Especial – SBT Tribos Urbanas: 08:47. (Anexo XVI)

Aula 2: Exibição dos documentários EMOS e discussão sobre o que caracteriza essa tribo singular. Divisão de grupos para o trabalho final. Cada Grupo de 5 estudantes escolherá uma tribo urbana para representar.

Documentário EMOS: 05:17. (Anexo XVII)

Filme sobre a briga dos punks e emos na Espanha - 04:00. (Anexo XVIII)

Aula 3: Leitura coletiva e discussão do texto Tribos Urbanas (Anexo XIX), para compreender a diversidade de culturas e identidades no contexto de vivência da cidade. Quais grupos o autor Maurício apresenta como Tribos Urbanas atuais? O que as define? Os estudantes fazem parte de alguma Tribo? O professor tem proximidade com qual Tribo? Discussão e desnaturalização dos gostos e pertencimentos.

Aula 4: Trabalho em grupo

Dinâmica: Cada grupo irá pesquisar sobre uma tribo urbana, suas formas de expressarem ideologia e identidade (música, poesia, artes-plásticas, esportes). A ideia é que venham também caracterizados esteticamente (hippie, punk, gótico, emo, funk, skinheads, skatistas, torcida organizadas, etc.) e apresentem uma música ou dança específica de cada tribo. Se possível pedir autorização da Direção para liberar a entrada e permanência dos estudantes com a caracterização da Tribo escolhida durante a aula de Sociologia e também no recreio.

Aula 5: Estimular uma discussão final a respeito da “vida urbana”, ou seja, das relações sociais e interpessoais que se estabelecem no ambiente das cidades/metrópoles, distribuindo uma letra de música (Anexo XX) para cada educando (de forma aleatória – são 4 músicas), e passando as músicas em sala. A ideia é questionar se os educandos “se enxergam” nas músicas, suscitar o debate em sala de aula a partir das questões que as músicas apontam. Partindo da participação dos educandos acredito ser necessário o desenvolvimento de um pequeno panorama histórico/sociológico sobre a questão urbana (retomando as conceituações de Simmel das aulas dadas), suas consequências e características.

Materiais de Referência

Documentário Especial – SBT Tribos Urbanas: 08:47.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CghALAiKX_8>

Documentário EMOS: 05:17.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tYNC6zF49OI>

Filme sobre a briga dos punks e emos na Espanha - 04:00.

Disponíveis em: <https://www.youtube.com/watch?v=kUJLn7645Zs>

3.2 Tema: Juventude e a Cidade (5 aulas)

Aula 1: Motivação Inicial – Provocar os educandos com afirmações e perguntas (Anexo XXI) que os instiguem a explicitar as relações que eles, enquanto jovens, estabelecem com os espaços urbanos da sua própria cidade. Orientados pela pergunta “A Juventude ocupa a cidade?” iniciaremos um debate sobre as formas diversas de apropriações do espaço urbano pelos jovens.

Aula 2: Leitura coletiva em sala do texto *Os Jovens na cidade. Uma relação de aprendizado e educação* (Anexo XXII), adaptado e baseado a partir da discussão do sociólogo Paulo Carrano em sua obra “Juventudes e cidades educadoras”. O objetivo é questionar a monopólio educativo da instituição escolar, propondo uma discussão sobre os diversos espaços de aprendizagem, incluindo aí a cidade como educadora.

Aula 3: Dialogar com trechos de textos e falas do Antropólogo Juarez Dayrell sobre a dimensão do encontro.

“A cidade se efetiva na possibilidade da diferença, e a diferença se sustenta na possibilidade do encontro”.

Mostrar fotos e vídeos de alguns movimentos juvenis de BH (Anexo XXIII) que vêm ganhando destaque pela difusão de ideias e promoção de espaços para discussão sobre juventude e ocupação do espaço público urbano. (Duelo de MCs, Praia da Estação, Movimento nova cena, Espaço hardcore, etc.).

Aula 4: Apresentar um breve panorama histórico sobre os movimentos de contracultura (utilizando um dos textos referência: Helena Abramo – Cenas Juvenis), dialogando com as noções de: culturas juvenis (termo utilizado pelo Antropólogo Carles Feixe) e o conceito de circuito de jovens - conceito proposto pelo antropólogo João Guilherme Cantor Magnani (1992; 2007) em detrimento à ideia de “Tribos Urbanas” de Michel Maffesoli (1998).

Aula 5 - Avaliação:

A avaliação consiste numa “mini pesquisa/etnografia” onde os estudantes divididos em grupos escolhem um *circuito de jovens* para realizar uma pesquisa qualitativa (observação participante, entrevistas, relatos, caderno de campo, fotografias, alguma leitura base sugerida pelo professor – devidamente orientada) nos moldes de uma etnografia. Para isso é necessária uma breve explicação sobre o que é uma etnografia, para que serve, quais os principais instrumentos de pesquisa. Com essa atividade o entendimento sobre a antropologia e as ciências sociais em geral seria facilitado pelas experiências práticas que os educandos vivenciarão atribuindo sentido aos aprendizados. O trabalho deverá ser apresentado em forma escrita ou áudio visual.

Materiais de Referência:

PAIS, José Machado; BLASS, Leila Maria da Silva: “Tribos Urbanas: Produção Artística e Identidades” – São Paulo: Annablume, 2004.

MAFFESOLI, Michel – “O Tempo das tribos: O declínio do individualismo nas sociedades de massa” – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

ABRAMO, Helena Wendel. *Cenas Juvenis*. São Paulo: Scritta, 1994

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscou-se nesse trabalho de conclusão de curso em Ensino de Sociologia um aporte para se trabalhar as questões temáticas urbanas. A partir dos elementos discutidos e apresentados para o estudo da Sociologia Urbana no ensino médio problematizou-se o pertencimento à cidade. Afinal, de quem é a cidade?

Existem diversos agentes de (re)produção do espaço urbano: poder público, setor imobiliário, proprietários de terras e imóveis, populações sem-teto, movimentos de luta pela moradia, movimentos ecológicos, movimentos culturais, enfim, moradoras e moradores cidadãos. Esses e outros agentes presentes no cenário da cidade disputam territórios e pautas para o desenvolvimento urbano. Ou seja, existem variados projetos em disputa, que propõem o uso e ocupação dos espaços públicos e privados de diferentes formas. O conflito é palavra de ordem no cenário da cidade. Conflito aqui muito além da violência física, mas como um aspecto propedêutico da sociabilidade urbana.

A Sociologia Urbana se mostra uma temática de muita relevância e potencialidade que articula a vivência cotidiana dos estudantes com as teorias. Os planos de aula apresentados visam a interlocução entre essa realidade vivida e pensada pelos sujeitos envolvidos no processo educativo. A escola é um lugar de produção de saber, e não apenas de (re)produção, reconhecer esse processo permite aos educadores e educandos interagirem e sistematizarem seus trabalhos de forma a valorizar mais o espaço escolar.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wendel. **Cenas Juvenis**. São Paulo: Scritta, 1994

BOMENY, Helena; FREIRE-MEDEIROS, Bianca (orgs.). **Tempos modernos, tempos de sociologia**. Ed. Do Brasil: FGV, 2010.

BRANDÃO, Carlos Antônio Leite. Um Homem Livre, Uma Cidade Feliz. **Revista da Universidade Federal de Minas Gerais**. Belo Horizonte: V. 20, Número I, p. 36-53, Jan/Jun 2013.

CARRANO, Paulo César Rodrigues. **Angra de tantos reis: práticas educativas e jovens tra(n)çados da cidade**. Niterói: Programa de Pós-Graduação em Educação da UFF, tese de doutorado, 1999, 459 p.

CARRANO, Paulo César Rodrigues. **Juventudes e cidades educadoras**. Petrópolis: Vozes, 2003, 180p

DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sociocultural. In: DAYRELL, Juarez. **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: 1996

FREITAS, Ricardo Ferreira. Simmel e a cidade moderna: uma contribuição aos estudos da comunicação e do consumo. **Comunicação, mídia e consumo**. São Paulo: vol. 4, n. 10, p. 41-53, 2007.

LEFEBVRE, Henry. **O direito à cidade**. São Paulo: Ed. Moraes, 1991.

MAFFESOLI, Michel. **O Tempo das tribos**: O declínio do individualismo nas sociedades de massa – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Tribos Urbanas: metáfora ou categoria?. In: **Cadernos de campo**, v. 2, n. 2, 1992

MAGNANI, José Guilherme Cantor; SOUZA, Bruna Mantese (orgs). **Jovens na Metrópole**. São Paulo: Ed Terceiro Nome, 2007

MARX, Karl. **O Capital**. Volume 1, livros I e II. Tradução de Reginaldo Sant'Anna. 12ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

MORRIS, R. M. **Sociologia Urbana**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972.

PAIS, José Machado; BLASS, Leila Maria da Silva. **Tribos Urbanas**: Produção Artística e Identidades. São Paulo: Annablume, 2004.

SIMMEL, Georg. As grandes cidades e a vida do espírito. **Mana**, nº 11, vol. 2, pp. 577-591, 2005.

SIMMEL, Georg. O dinheiro na cultura moderna. In: SOUZA, Jessé, OELZE, Berthold (Orgs.). **Simmel e a modernidade**. Brasília: Editora da UNB, 1998.

SIMMEL, Georg. O estrangeiro, in: MORAIS FILHO, Evaristo (org.) **Simmel**. São Paulo, Ática, 1983, pp. 182-188.

SIMMEL, Georg; PARK, Robert Ezra; WEBER, Max; et al. **O Fenômeno Urbano**. Zahar Editores, 1979.

ANEXOS

Anexo I

CHAPLIN, Charles. Tempos Modernos. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=HAPilyrEzC4>>

Anexo II

Brasil urbano?

O Brasil passou por uma urbanização considerada por muitos estudiosos como uma das maiores da contemporaneidade. A população transformou-se em primordialmente urbana em 25 anos. Esses especialistas têm tentado explicar essa mudança, já que ocorreu em um curto espaço de tempo e isso é relevante. As pessoas que vivem em áreas urbanas apresentam sentimentos de aceitação e ao mesmo tempo, inquietação diante dessa urbanização.

As cidades estão presentes no Brasil desde a época que o país era colônia, porém elas só apresentaram um número considerável de pessoas quando houve o primeiro impulso de industrialização no Brasil (século XIX). O crescimento das cidades brasileiras se deu através das imigrações. Os principais povos foram italianos, alemães e japoneses. As cidades também seriam transformadas pelas migrações de caráter interno entre os anos de 1960 e 1980, estimuladas pela industrialização da região Sudeste.

O Brasil é em sua grande maioria urbano, tendo uma taxa de 80% de população urbana no início desse século. Assim como Georg Simmel afirmava, as cidades apresentam várias coisas simultaneamente, e isso acontece com o Brasil: suas cidades são generosas e excludentes, por exemplo.

Anexo III

SIMMEL, Georg. **As grandes cidades e a vida do espírito** (1900) Disponível em:
<http://www.scielo.br/pdf/mana/v11n2/27459.pdf>

Anexo IV

Georg Simmel e a vida na metrópole

Simmel, foi um teórico que se dedicou à vários assuntos e, para compreender a urbanização e industrialização do Brasil, pode ser um bom autor, pois estudou a relação entre todo o cenário urbano e a personalidade das pessoas. Os indivíduos na vida moderna, buscam garantir sua autonomia e individualidade, sendo esse um dos maiores problemas. O homem luta com a natureza para garantir sua vida física de forma mais forte na modernidade.

A Metrópole é o lugar onde, agora, muitos podem viver, e de forma um tanto heterogênea. A metrópole põe em contato as diferenças, e permite ao indivíduo uma maior liberdade de ação. Assim como o dinheiro, a metrópole também produz como consequência a impessoalidade. Em meio a tantas diferenças, e na velocidade específica da cidade, a própria diferença se torna banal, se torna “lugar comum”.

Em meio a tantos estímulos e tantas novidades a diferença se transforma em indiferença. O indivíduo da grande cidade é o indivíduo *blasé*, indiferente, incapaz de notar a diferença. Habitado à impessoal desatenção civil, ele é incapaz de notar a novidade. “A essência do caráter *blasé* é o embotamento frente à distinção das coisas.” (Simmel, 2005, p.581).

Não obstante, a vida na metrópole, diferentemente da cidade pequena que é calma, anima (espiritual) e rotineira, é corriqueira, intensa e excessivamente objetiva materialmente. Estas características peculiares da vida na cidade grande criam consequências, também peculiares, para os indivíduos que nela vivem. Consequências tais como, a atitude de reserva e a atuação do entendimento; dois objetos próprios da vida na metrópole.

Com populações exorbitantes, as metrópoles desenvolveram o que chamamos de multidão – grande contingente populacional com diversas manifestações culturais -, que acabam por obrigar os indivíduos que dela fazem parte a entrarem em contato com muitos outros indivíduos distintos, criando-se, para Simmel, um excesso de estímulos nervosos.

Com efeito, os indivíduos frente às essas ininterruptas transformações da realidade fazem uso do entendimento, que é para Simmel “um preservativo da vida subjetiva, frente às coações da cidade grande.” “O tipo do habitante da cidade grande [...] cria um órgão protetor contra o desenraizamento com o qual as correntes de seu meio exterior o ameaçam: ele reage [...] com o entendimento.” (2005, p.577).

A atuação do entendimento se desdobra em diversas ramificações, sendo uma delas a atitude de reserva dos indivíduos da metrópole em relação aos demais. Ao se relacionar com incontáveis seres humanos todos os dias, o indivíduo da metrópole, para preservar a sua subjetividade, e até mesmo sua existência, é coagido a ser antipático e avesso com os demais. A atitude de reserva, para Simmel, é o que “garante precisamente ao indivíduo uma espécie e uma medida de liberdade pessoal” na agitada vida da cidade grande.

As peculiaridades da metrópole são diversas, e Simmel nos aponta também a elevação máxima da divisão do trabalho, que também fora apontada por Durkheim, como um fenômeno sem precedentes na história da humanidade.

Esta expansão da divisão do trabalho desemboca em uma contínua individualização, onde o aumento quantitativo de significação leva o homem a agarrar-se à particularização qualitativa, a fim de ganhar para si a consciência do círculo social. O que conduz, diz Simmel, “às mais tendenciosas esquisitices, como o exclusivismo, os caprichos e o preciosismo”, tudo por conta da necessidade de se destacar na multidão – que como diz o *rapper* Mano Brown “é sem rosto e coração”.

Não obstante, o sucesso da divisão do trabalho criou problemas crônicos na modernidade, no qual a cultura objetiva sobrepõe-se ao indivíduo. Pois a divisão do trabalho exige do particular uma realização cada vez mais unilateral, “cuja potencialização frequentemente deixa atrofiar a sua personalidade como um todo.” A saída encontrada pelo indivíduo para fazer frente à objetividade da sociedade e salvar a sua personalidade é sublinhar o que há de mais extremo em particularização para que se possa ser percebido e visto, inclusive por si mesmo.

Com tudo isso, as cidades grandes se tornam um lugar absolutamente único, “preche de significações ilimitadas”, onde nossa tarefa não é acusar ou perdoar, mas somente, diz Simmel, compreender.

Anexo V

Lucro (Descomprimindo)
BaianaSystem

Tire as construções da minha praia
Não consigo respirar
As meninas de mini saia
Não conseguem respirar

Especulação imobiliária
E o petróleo em alto mar
Subiu o prédio eu ouço vaia

Eu faço figa pra essa vida tão sofrida
Terminar bem sucedida
Luz do sol é minha amiga

Luz da lua é minha instiga
Me diga você, me diga
O que é que sara a tua ferida
Me diga você, me diga

Lucro

Máquina de louco
Você pra mim é lucro
Máquina de louco

Vou botar rapadura na mamadeira
Vou dar rapadura pra bater, pá pá

Anexo VI

Negro Drama
Racionais Mc's

Negro drama
Entre o sucesso e a lama
Dinheiro, problemas
Inveja, luxo, fama

Negro drama
Cabelo crespo
E a pele escura
A ferida, a chaga
À procura da cura

Negro drama
Tenta ver
E não vê nada
A não ser uma estrela
Longe, meio ofuscada

Sente o drama
O preço, a cobrança
No amor, no ódio
A insana vingança

Negro drama
Eu sei quem trama
E quem tá comigo
O trauma que eu carrego
Pra não ser mais um preto fodido

O drama da cadeia e favela
Túmulo, sangue
Sirene, choros e vela

Passageiro do Brasil
São Paulo
Agonia que sobrevivem
Em meia às honras e covardias

Periferias, vielas e cortiços
Você deve tá pensando
O que você tem a ver com isso

Desde o início
Por ouro e prata
Olha quem morre
Então veja você quem mata

Recebe o mérito, a farda
Que pratica o mal
Me ver
Pobre, preso ou morto
Já é cultural

Histórias, registros
Escritos
Não é conto
Nem fábula
Lenda ou mito

Não foi sempre dito
Que preto não tem vez
Então olha o castelo irmão
Foi você quem fez cuzão

Eu sou irmão
Dos meus trutas de batalha
Eu era a carne
Agora sou a própria navalha

Tin, tin
Um brinde pra mim
Sou exemplo de vitórias
Trajetos e glórias, glorias

O dinheiro tira um homem da miséria
Mas não pode arrancar
De dentro dele
A favela

São poucos
Que entram em campo pra vencer
A alma guarda
O que a mente tenta esquecer

Olho pra trás
Vejo a estrada que eu trilhei
Mó cota
Quem teve lado a lado
E quem só fico na bota

Entre as frases
Fases e várias etapas
Do quem é quem
Dos mano e das mina fraca

Negro drama de estilo
Pra ser
E se for
Tem que ser
Se temer é milho

Entre o gatilho e a tempestade
Sempre a provar
Que sou homem e não um covarde

Que Deus me guarde
Pois eu sei
Que ele não é neutro
Vigia os rico
Mas ama os que vem do gueto

Eu visto preto
Por dentro e por fora
Guerreiro
Poeta entre o tempo e a memória

Ora
Nessa história
Vejo o dólar
E vários quilates
Falo pro mano
Que não morra e também não mate

O tic-tac
Não espera veja o ponteiro
Essa estrada é venenosa
E cheia de morteiro

Pesadelo
É um elogio
Pra quem vive na guerra
A paz nunca existiu

Num clima quente
A minha gente sua frio
Vi um pretinho
Seu caderno era um fuzil
Um fuzil

Negro drama

Crime, futebol, música, caraio
Eu também não consegui fugir disso aí
Eu sou mais um
Forrest Gump é mato
Eu prefiro conta uma história real
Vô conta a minha

Daria um filme
Uma negra
E uma criança nos braços
Solitária na floresta
De concreto e aço

Veja
Olha outra vez
O rosto na multidão
A multidão é um monstro
Sem rosto e coração

Ei, São Paulo
Terra de arranha-céu
A garoa rasga a carne
É a Torre de Babel

Família brasileira
Dois contra o mundo
Mãe solteira
De um promissor
Vagabundo

Luz, câmera e ação
Gravando a cena vai

Um bastardo
Mais um filho pardo
Sem pai

Ei, Senhor de engenho
Eu sei bem quem você é
Sozinho, cê num guenta sozinho
Cê num entra a pé

Cê disse que era bom
E a favela te ouviu
Lá também tem
Whisky, Red Bull
Tênis Nike e fuzil

Admito
Seus carro é bonito
É, eu não sei fazê
Internet, videocassete
Os carro loco

Atrasado
Eu tô um pouco sim
Tô, eu acho
Só que tem que

Seu jogo é sujo
E eu não me encaixo
Eu sô problema de montão
De carnaval a carnaval
Eu vim da selva
Sou leão
Sou demais pro seu quintal

Problema com escola
Eu tenho mil, mil fitas
Inacreditável, mas seu filho me imita
No meio de vocês
Ele é o mais esperto
Ginga e fala gíria
Gíria não, dialeto

Esse não é mais seu
Ó, subiu
Entrei pelo seu rádio
Tomei, cê nem viu
Nós é isso ou aquilo

O quê?

Cê não dizia?
Seu filho quer ser preto
Rááá
Que ironia

Cola o pôster do 2Pac aí
Que tal?
Que cê diz?
Sente o negro drama
Vai
Tenta ser feliz

Ei bacana
Quem te fez tão bom assim?
O que cê deu
O que cê faz,
O que cê fez por mim?

Eu recebi seu tic
Quer dizer kit
De esgoto a céu aberto
E parede madeirite

De vergonha eu não morri
To firmão
Eis-me aqui

Você, não
Cê não passa
Quando o mar vermelho abrir

Eu sou o mano
Homem duro
Do gueto, Brown
Obá

Aquele louco que não pode errar
Aquele que você odeia
Amar nesse instante
Pele parda
Ouço funk
E de onde vem
Os diamantes
Da lama

Valeu mãe

Negro drama

Anexo VII

Vida Loka Parte II

Racionais MC's

Firmeza total, mais um ano se passando
Graças a Deus a gente tá com saúde aí,
morô?

Muita coletividade na quebrada,
dinheiro no bolso
Sem miséria, e é nós
Vamos brindar o dia de hoje
Que o amanhã só pertence a Deus, a
vida é loka

Deixa eu fala procê
Tudo, tudo, tudo vai, tudo é fase irmão
Logo mais vamo arrebentar no mundão
De cordão de elite, 18 quilates
Poê no pulso, logo um Breitling
Que tal? Tá bom?
De lupa Bausch & Lomb, bombeta
branco e vinho
Champagne para o ar, que é pra abrir
nossos caminhos
Pobre é o diabo, eu odeio a ostentação
Pode rir, ri, mais não desacredita não
É só questão de tempo, o fim do
sofrimento
Um brinde pros guerreiro, zé povinho
eu lamento
Vermes que só faz peso na Terra
Tira o zóio
Tira o zóio, vê se me erra
Eu durmo pronto pra guerra
E eu não era assim, eu tenho ódio
E sei o que é mau pra mim
Fazer o que se é assim
Vida loka cabulosa
O cheiro é de pólvora
E eu prefiro rosas
E eu que, e eu que
Sempre quis um lugar
Gramado e limpo, assim, verde como o
mar
Cercas brancas, uma seringueira com
balança
Disbicando pipa, cercado de criança

How, how Brown

Acorda sangue bom
Aqui é Capão Redondo, tru
Não Pokemón
Zona sul é o invés, é stress concentrado
Um coração ferido, por metro quadrado
Quanto, mais tempo eu vou resistir
Pior que eu já vi meu lado bom na U.T.I
Meu anjo do perdão foi bom
Mas tá fraco
Culpa dos imundo, do espírito opaco
Eu queria ter, pra testar e ver
Um malote, com glória, fama
Embrulhado em pacote
Se é isso que 'cês quer
Vem pegar
Jogar num rio de merda e ver vários
pular
Dinheiro é foda
Na mão de favelado, é mó guela
Na crise, vários pedra-noventa esfarela
Eu vou jogar pra ganhar
O meu money, vai e vem
Porém, quem tem, tem
Não cresço o zóio em ninguém
O que tiver que ser
Será meu
Tá escrito nas estrelas
Vai reclamar com Deus
Imagina nós de Audi
Ou de Citroën
Indo aqui, indo ali
Só pam
De vai e vem
No Capão, no Apurá, vô colar
Na pedreira do São Bento
Na fundão, no pião
Sexta-feira

De teto solar
O luar representa
Ouvindo Cassiano, há
Os gambé não guenta
Mas se não der, nêgo
O que é que tem
O importante é nós aqui

Junto ano que vem
O caminho
Da felicidade ainda existe
É uma trilha estreita
Em meio à selva triste
Quanto cê paga
Pra ver sua mãe agora
E nunca mais ver seu pivete ir embora
Dá a casa, dá o carro
Uma Glock, e uma FAL
Sobe cego de joelho
Mil e cem degraus
Crente é mil graus
O que o guerreiro diz
O promotor é só um homem
Deus é o juiz
Enquanto Zé Povinho
Apedrejava a cruz
E o canalha, fardado
Cuspiu em Jesus
Oh, aos 45 do segundo arrependido
Salvo e perdoado
É Dimas o bandido
É loko o bagulho
Arrepiá na hora
Oh, Dimas, primeiro vida loka da
história
Eu digo: Glória, glória
Sei que Deus tá aqui
E só quem é
Só quem é vai sentir
E meus guerreiro de fé
Quero ouvir, quero ouvir
E meus guerreiro de fé
Quero ouvir, irmão
Programado pra morrer nós é
Certo é certo é crer no que der, firmeza?
Não é questão de luxo
Não é questão de cor
É questão que fartura
Alegra o sofredor
Não é questão de preza, nêgo
A ideia é essa
Miséria traz tristeza e vice-versa
Inconscientemente vem na minha mente
inteira

Na loja de tênis o olhar do parceiro feliz
De poder comprar o azul, o vermelho
O balcão, o espelho
O estoque, a modelo, não importa
Dinheiro é puta e abre as portas
Dos castelos de areia que quiser
Preto e dinheiro, são palavras rivais
E então mostra pra esses cu
Como é que faz
O seu enterro foi dramático
Como um blues antigo
Mas de estilo, me perdoe, de bandido
Tempo pra pensar, quer parar
Que cê quer?
Viver pouco como um rei ou muito,
como um Zé?
Às vezes eu acho que todo preto como
eu
Só quer um terreno no mato, só seu
Sem luxo, descalço, nadar num riacho
Sem fome, pegando as frutas no cacho
Aí truta, é o que eu acho
Quero também, mas em São Paulo
Deus é uma nota de R\$100
Vida Loka!

Porque o guerreiro de fé nunca gela
Não agrada o injusto, e não amarela
O Rei dos reis, foi traído, e sangrou
nessa terra
Mas morrer como um homem é o
prêmio da guerra
Mas ó, conforme for, se precisa, afoga
no próprio sangue, assim será
Nosso espírito é imortal, sangue do meu
sangue
Entre o corte da espada e o perfume da
rosa
Sem menção honrosa, sem massagem

A vida é loka, nêgo
E nela eu tô de passagem
A Dimas, o primeiro
Saúde guerreiro!
Dimas, dimas, dimas

Anexo VIII

1) De acordo com Simmel, obrigado a entrar em contato com muitos outros, o habitante das metrópoles reage a isso adotando uma atitude de reserva em relação aos outros, uma reserva que se mostra nas interações como antipatia. Pode-se dizer que, para o morador das grandes cidades, a antipatia – assim como conflito em tantas situações – é um fator de socialização? Justifique sua resposta.

2) “Essas formas (da existência social), afirma Simmel, adquirem então (...) uma vida própria um exercício livre de todos os conteúdos materiais: esse é justamente o fenômeno da sociabilidade” (pág. 64) . O que leva autor a considerar a sociabilidade como forma pura de sociação, independentemente de seus conteúdos materiais.

3) A concepção simmeliana de dialética é particular: para ele, a dialética não envolve ultrapassagem ou superação. Nos textos discutidos nas duas últimas aulas, há exemplos dessa concepção de dialética? Quais fenômeno(s) sociais demonstram essa dialética? Justifique sua resposta.

Anexo IX

Natural ou Social?

O meio ambiente é constituído tanto por aspectos naturais, quanto culturais. O meio cultural seria aquele produzido pela atividade humana: as casas, os edifícios, as instituições políticas, sociais, as indústrias e etc. O meio natural é fruto da natureza; os solos, os rios, o clima e a vegetação original.

O relacionamento da humanidade com a natureza tem se alterado com o passar dos tempos, da demanda e da ambição de cada sociedade e poder vigente. Com o desenvolvimento do capitalismo e da industrialização o que presenciamos é o predomínio do meio cultural sobre o natural, com a transformação desse último. A ação do homem sobre a natureza gerou e vem gerando significativa mudança na maneira como ele se integra ao ambiente.

As mudanças que ocorrem no meio ambiente interferem na vida social assim como as mudanças sociais têm impacto na natureza e no meio ambiente. Um dos claros exemplos dessa ligação pode ser dado através da Revolução Industrial que teve não apenas grande significado econômico, mas também impactos sociais relevantes. A produção em larga escala gerou a necessidade de intensificar a extração da matéria prima e a exploração dos recursos naturais destinados à produção, a maneira com que o homem passa a lidar com a natureza, é alterada de forma intensa.

Anexo X

Carta do Cacique Seattle.

Em 1855, o cacique Seattle, da tribo Suquamish, do Estado de Washington, enviou esta carta ao presidente dos Estados Unidos (Francis Pierce), depois de o Governo haver dado a entender que pretendia comprar o território ocupado por aqueles índios. Faz já mais de cento e cinquenta anos. Mas o desabafo do cacique tem uma incrível atualidade. A carta:

"Como podeis comprar ou vender o céu, a tepidez do chão? A idéia não tem sentido para nós.

Se não possuímos o frescor do ar ou o brilho da água, como podeis querer comprá-los? Qualquer parte desta terra é sagrada para meu povo. Qualquer folha de pinheiro, qualquer praia, a neblina dos bosques sombrios, o brilhante e zumbidor inseto, tudo é sagrado na memória e na experiência de meu povo. A seiva que percorre o interior das árvores leva em si as memórias do homem vermelho.

Assim, quando o grande chefe em Washington manda dizer que deseja comprar nossas terras, ele está pedindo muito de nós. O grande Chefe manda dizer que nos reservará um sítio onde possamos viver confortavelmente por nós mesmos. Ele será nosso pai e nós seremos seus filhos. Se é assim, vamos considerar a sua proposta sobre a compra de nossa terra. Mas tal compra não será fácil, já que esta terra é sagrada para nós.

A límpida água que percorre os rios não é apenas água, mas o sangue de nossos ancestrais. Se vendermos a terra, tereis de lembrar a nossos filhos que ela é sagrada, e que qualquer reflexo espectral sobre a superfície dos lagos evoca eventos e fases da vida do meu povo. O marulhar das águas é a voz dos nossos ancestrais.

Os rios são nossos irmãos, eles nos saciam a sede. Levam as nossas canoas e alimentam nossas crianças. Nós mesmos sabemos que o homem branco não entende nosso modo de ser. Para ele um pedaço de terra não se distingue de outro qualquer, pois é um estranho que vem de noite e rouba da terra tudo de que precisa. A terra não é sua irmã, mas sua inimiga, depois que a submete a si, que a conquista, ele vai embora, à procura de outro lugar. Deixa atrás de si a sepultura de seus pais e não se importa. A cova de seus pais é a herança de seus filhos, ele os esquece. Trata a sua mãe, a terra, e seus irmãos, o céu como coisas a serem comprados ou roubados, como se fossem peles de carneiro ou brilhantes contas sem valor. Seu apetite vai exaurir a terra, deixando atrás

de si só desertos. Isso eu não compreendo. Nosso modo de ser é completamente diferente do vosso. A visão de vossas cidades faz doer aos olhos do homem vermelho.

Nas cidades do homem branco não há um só lugar onde haja silêncio, paz. Um só lugar onde ouvir o farfalhar das folhas na primavera, o zunir das asas de um inseto. Talvez seja porque sou um selvagem e não possa compreender. O ar é precioso para o homem vermelho, pois dele todos se alimentam. Os animais, as árvores, o homem, todos respiram o mesmo ar. O homem branco parece não se importar com o ar que respira. Como um cadáver em decomposição, ele é insensível ao mau cheiro.

Assim consideraremos vossa proposta de comprar nossa terra. Se nos decidirmos a aceitá-la, farei uma condição: O homem branco terá que tratar os animais desta terra como se fossem seus irmãos. Que será dos homens sem os animais? Se todos os animais desaparecem, o homem morreria de solidão espiritual. Porque tudo isso pode cada vez mais afetar os homens. Tudo está encaminhado.

Anexo XI

Vídeo “A História das Coisas”. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=3c88_ZOFF4k

Anexo XII

Curta-metragem “A Ilha das Flores” (1989). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=e7sD6mdXUyg>

Anexo XIII

As Cidades

O surgimento das cidades se deu com a procura por melhores condições de vida, por emprego, por moradia digna, por acesso à hospitais, escolas, aparelhos culturais e de lazer. Porém a cidade não é um espaço que se desvincula das questões sociais e econômicas da sociedade, seu alicerce é a desigualdade social, portanto ela atende a todos de acordo com sua classe, seu gênero, sua raça, etc.

Além disso, a ocupação da cidade também não é feita de forma totalmente planejada, portanto sua ocupação se dá de forma mais ou menos desorganizada, sem garantia de direitos para todos. Mesmo sendo um espaço de existência da diversidade, nem sempre existe comunicação entre os diferentes, ou seja, a cidade abriga uma amplitude de sujeitos, de tribos, que não se conectam necessariamente.

É preciso entender então a cidade não como algo natural, que surgiu espontaneamente e que não tem raízes históricas, mas exatamente o contrário, as cidades se conformam com lógicas definidas de ocupação do espaço, que são deliberadas por quem tem poder, e quem não tem deve dar um jeito de se adequar.

Anexo XIV

Vídeo “De quem é a cidade?”. Disponível em: Disponível em: <
<https://www.youtube.com/watch?v=haUr5jV2Kfs> >

Anexo XV

Exercício Avaliativo - Ative sua imaginação Sociológica, leia a letra da música, releia, analise e depois responda as questões a seguir:

A Cidade

Chico Science

O sol nasce e ilumina
As pedras evoluídas
Que cresceram com a força
De pedreiros suicidas
Cavaleiros circulam
Vigiando as pessoas
Não importa se são ruins
Nem importa se são boas

E a cidade se apresenta
Centro das ambições
Para mendigos ou ricos
E outras armações
Coletivos, automóveis,
Motos e metrô
Trabalhadores, patrões,
Policiais, camelôs

A cidade não pára
A cidade só cresce
O de cima sobe
E o de baixo desce
A cidade não pára
A cidade só cresce
O de cima sobe
E o de baixo desce

A cidade se encontra
Prostituída
Por aqueles que a usaram
Em busca de uma saída
Ilusora de pessoas
De outros lugares,
A cidade e sua fama
Vai além dos mares

E no meio da esperteza

Internacional
A cidade até que não está tão mal
E a situação sempre mais ou menos
Sempre uns com mais e outros com
menos

A cidade não pára
A cidade só cresce
O de cima sobe
E o de baixo desce
A cidade não pára
A cidade só cresce

O de cima sobe
E o de baixo desce

Eu vou fazer uma embolada,
Um samba, um maracatu
Tudo bem envenenado
Bom pra mim e bom pra tu
Pra gente sair da lama e enfrentar os
urubus

Num dia de sol, recife acordou
Com a mesma fedentina do dia anterior.

1) “A Cidade” é uma música gravada por Chico Science em 1993, do grupo Nação Zumbi, surgido no início dos anos 90, formando o movimento cultural Mangue Beat, no estado de Pernambuco. Inicialmente era mais uma música retratando o difícil dia-a-dia do povo e da vida cotidiana em uma grande cidade. Mas seu conteúdo aprofunda-se em questões sociais que descritas ao longo dos dois séculos anteriores, hoje continua a ser bem atual e rotineira no nosso cotidiano. **Com base na letra aponte a questão incorreta:**

- a) A letra nos remete a diversas facetas do capitalismo, lembrando a voracidade com que os objetivos econômicos se sobrepõem aos sociais e aos naturais.
- b) “Pedras evoluídas” seriam os prédios e grandes construções, que contrastavam com a situação da cidade, que por sua vez tinha originalmente em sua área a presença de mangues, mata nativa e rios.
- c) Os “cavaleiros”, podem ser os órgãos de controle e repressão ou os próprios proprietários dos meios de produção, definindo os caminhos da cidade.
- d) A cidade se apresenta não como um direito, mas sim como uma mercadoria, com o lucro sendo o objetivo, pois, a cidade “se apresenta como o centro das ambições”.
- e) A cidade de fortaleza, município do cantor, durante a década de 90 cresceu e evoluiu, pois que no “meio da esperteza internacional, a cidade até que não está tão mal”.

2) (UFMG) A partir da análise da música, é incorreto afirmar que, nesse trecho de música, o autor

- A) considera a exclusão social como uma característica marcante das sociedades urbanas, que tem aumentado à medida que se intensifica a concentração de renda.
- B) denuncia a pequena mobilidade econômica das classes sociais, decorrente da intensificação da divisão do trabalho que acompanha o processo de urbanização.
- C) exalta o modo de vida urbano ao alegar que, nas cidades, a posse de bens duráveis – como automóveis e motocicletas – é traço característico de seus habitantes.
- D) inclui o contingente populacional urbano inserido no mercado de trabalho informal, comumente ligado à expansão do subemprego e do desemprego estrutural.

3) (Mackenzie, 2014) **A letra da música aponta para problemas vividos na contemporaneidade. Assinale a alternativa que melhor explicita o contexto e as referências ao Brasil atual.**

a) A ortodoxia econômica de governos recentes tem adotado uma postura mais crítica em relação ao modelo neoliberal, aproximando-se de políticas socialdemocratas. De efeito duvidoso, tal política aponta para uma nova perspectiva, com a resolução das desigualdades encontradas até então.

b) Vivencia-se a emergência de políticas públicas voltadas para a resolução de certos problemas sociais, em particular as desigualdades geradas pelo modelo neoliberal até então adotado. Daí o rompimento com o FMI feito recentemente.

c) Procura-se acomodar crescimento econômico com um modelo que priorize investimentos nas questões sociais. Práticas populistas que em nada contribuem para a real superação das desigualdades existentes no país.

d) De um lado, estabilização econômica. De outro, marginalização, insegurança, aprofundamento das desigualdades econômicas e sociais, insatisfações em relação a esse contexto. Faces da mesma moeda apontam para a necessidade de reformulação da política de desenvolvimento adotada.

e) A marginalização tem sido uma realidade crescente no país, contrariando uma tendência mundial de redução desses níveis de desigualdade. Isso se deve ao insucesso de programas sociais atuais, abrindo caminho, por sua vez, para abusos cometidos por autoridades policiais e divulgados pela imprensa.

Anexo XVI

Documentário Especial – SBT Tribos Urbanas: 08:47.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CghALAiKX_8>

Anexo XVII

Documentário EMOS: 05:17.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tYNC6zF49OI>

Anexo XVIII

Filme sobre a briga dos punks e emos na Espanha - 04:00. (Anexo XVIII)

Disponíveis em: <https://www.youtube.com/watch?v=kUJLn7645Zs>

Anexo XIX

Tribos urbanas

A fase da juventude quase sempre foi marcada historicamente por uma atitude de confronto e de contestação com o modo de ser e pensar das gerações anteriores. A rebeldia contra as normas estabelecidas ganha força nos grupos de jovens, identificados pelas tribos urbanas.

A partir dos anos cinquenta os jovens invadiam as cidades com suas motocicletas, seus casacos de couro com muito gel no cabelo, ao som do rock and roll e copiando os rebolados de seus ídolos, mostravam que estavam insatisfeitos com os valores de uma sociedade repressiva, da escola tradicional e de famílias autoritárias.

Nos anos 60 surge, num contexto mundial marcado por guerras e por ditaduras militares o movimento hippie, cujas tribos resistem até os dias atuais, pregando a paz e amor. Apesar de ter surgido nas cidades, como forma de crítica ao sistema capitalista, essa tribo sugere um retorno à natureza, à simplicidade, tendo sido responsável pela popularização dos acampamentos, dos refúgios, dos shows em lugares abertos e mudanças de comportamento.

É na época dos hippies e devido ao surgimento da pílula anticoncepcional que é vivenciado um comportamento mais liberal com relação à prática sexual e ao uso de drogas alucinógenas como uma forma de autoconhecimento e contestação. Os hippies também aproximam as religiões e práticas corporais do oriente com as do ocidente.

Essa sensação de “pertencimento” a uma tribo sempre esteve relacionada intimamente com a produção artística, pelo fato da arte ser por natureza contestadora, transgressora e um espaço livre para criação do novo. A música especialmente, sempre determinou muito a identidade e a cultura de uma tribo específica. A partir dos anos 70 podemos citar várias tribos urbanas que tiveram uma expressão que as definia dentro de um contexto histórico: os punks, grunges, clubbers, darks, góticos, os carecas de subúrbio, os metaleiros, os pagodeiros, os funkeiros, os hip hops com seus rappers e grafiteiros... Tribos essas marcadas por formas de sociabilidade e pela delimitação geográfica do espaço urbano, as quais diferentemente do ideal hippie reconhecem a cidade como seu espaço de conflito, como seu território de luta pela inserção. No caso do samba, do funk e do movimento hip-hop, onde se inserem as demonstrações artísticas do break (dança), do grafite e do rap, trazem consigo a luta pela consciência do lugar social de origem, da denúncia dos problemas da vida na periferia e favelas, e pela promoção da dignidade de seus membros.

Atualmente uma tribo que se destaca no cenário urbano são os “emos”, com seu visual andrógino, fashion, com piercings e com suas grandes franjas tampando os olhos maquiados, tanto para garotos e garotas. Causam polêmicas e conflitos com outras tribos por se auto denominarem como sensíveis, emotivos (daí a origem do nome).

Poderíamos citar também as identidades culturais de grupos religiosos, dos grupos GLS (com suas formas próprias de se vestirem, de falar e de se organizarem), a tribo do reggae, dos pagodeiros e das torcidas organizadas de futebol. Outras características das tribos urbanas é que elas são instáveis e abertas, podendo os participantes transitarem de uma tribo para outra, desde que não sejam tribos rivais na sua origem.

O importante é observar que a maioria dessas tribos propiciam vínculos e formas de integração social, garantem afirmações de identidades em contextos urbanos tão complexos e põe em prática o exercício da convivência democrática com as diferenças

Anexo XX – Músicas

Pense –

Dia corrido -

<http://www.youtube.com/watch?v=u1Fqr3PkEEo>

Como foi o seu dia?
Valeu a pena toda correria?
O que você comeu no almoço,
você lembra de sentir o gosto?
A vida tem gosto de quê?
Fast food? Que ruim pra você!
Quanto mais rápido ele for consumido,
menos se nota o quanto é mal
produzido.

Quando o cansaço faz o dia perder paz,
a gente fica sem autoconfiança
e coisas boas pra lembrança.
Quem me dera rir como hoje eu vi no
comercial!
Se eu comprar, vou ser igual?
Aí o meu dia rende mais?

De que adianta gastar seu tempo?
Sem descanso ninguém aguenta!
É melhor abrir mão de coisas pra
se dedicar ao que importa mais.
Vida simples, com mais tempo para
aproveitar,
se conhecer e compartilhar o que viveu.

1989

Emicida

<http://www.youtube.com/watch?v=6kevAaKqFwA>

Tinha água de bica, sem caixa e torneira
Desagua rica, lá da cachoeira, límpida
E os paralelepípedo a trepidar
Na madeira da roda das carroça,

Barulheira (nossa)
Sombra de laranjeira'qui
Mangueira pé de caqui,
Caixa de feira e mulequi
Coro de lavadeira, na trilha
Mulher'qui, é pilar da família
Sem pé de bréqui
Beira de brejo, rego, tinha
Nego quietim pescando manjubinha
Criame de porco, matadô de galinha

Caçador de preá, teú, ranzinha
Todo dia paz, gritaria, caminhão do gás
Pré escola, meu bom, crepom e tenaz,
Máquinas de costura, chita e zaz-tráz
Puramente, pura gente, jura, quente, ai,
ai, ai,

Hoje veio progresso, pode olhar
Asfalto e som alto, pode olhar
Fumaça e concreto, pode olhar
Antena e contrato, pode olhar

As Kombi trocava garrafa por doce
Qualquer que fosse, é, gibi de
amendoim, oxi!
Paçoca, quindim
Imagina o enxame de vasilhame ao
toque das buzina
Catequese, comunhão, salve Cosme e
Damião
Oxalá, Jesus, despacho, oração
Sonho era pião, bola de capotão

Vida Urbana

Pense <http://www.youtube.com/watch?v=CwZu6xwvGEO>

A vida aqui não se parece
com as promessas que falavam de
progresso.
Com dois reais eu compro um lugar
para não assentar, para esperar.

Acorde logo e tome o seu café,
tempo é dinheiro, sempre falta pra quem
quer.
Sinal vermelho nunca gostou de mim.
Nem sempre foi assim, estou longe do
que eu quis,
desde quando é tão normal achar tudo
ruim?
Buscar consolo em ilusões pra desejar.

E nós barrigudim, atrás dos caminhão
Arame farpado, caco de vidro no muro
Colocado, deixava seguro
Colchas de fuxico, flores, muito rico
Cores e o sonho: descer de barco o
velho chico
Home, conheço todo mundo de nome
São leis de onde crime era roubar frutas
lá no japonês
Te falar rapaz
Chamam de cidade grande, mas antes
parecia mais...

Hoje veio progresso, pode olhar
Asfalto e som alto, pode olhar
Fumaça e concreto, pode olhar
Antena e contrato, pode olhar

Eles me oferecem contratos de milhão
Pra mim, sozinho
Eu penso e digo não
Porque meu sonho é tudo baratinho..

Vai ter prazer na vida!!

Tantas coisas pra comprar,
tantas brigas pra ganhar,
será que um dia eu vou chegar lá?

Quero o que eu não preciso,
tecnologia do desperdício.
Dentro da vida urbana há o desperdício.
o desperdício
o desperdício!!!

Não ver mais as cores da vida?
Se entregar a velha rotina? Nunca!

Você sabe o quanto eu quis viver fora
daqui,
junto a pessoas amigas.
Preocupando com quem somos e não
com o que temos.
Nos libertando dos nossos vícios.

O Homem do Centro da Cidade

Pense -

<http://www.youtube.com/watch?v=hNal8SlkZQI>

Me levante, pois estou no chão.
Ninguém olha, ninguém dá atenção.
Me levante, pois eu quero ver
o mundo daí de cima.

Você não quer ver as coisas como são.
Os humanos se matando.
Ninguém mais quer ver o mundo que eu
vivo,
pouca gente saiu vivo daqui.

Vai ser sempre dessa forma,
esconder o que deforma,
o que a mentira diz real.
A vergonha não descansa
no colo de quem alcança
a virtude de encarar,
mas se Deus quiser eu vou chegar lá.

Eu esperava ver o meu país olhando pra
mim.
Eu esperava poder caminhar, sem medo
de errar.
Eu esperava sair desse lugar, mas só
conheço aqui.
Eu esperava poder esperar, algo pra
planejar



Anexo XXI - Frases:

- * “Jovens quando se ajuntam é baderna na cidade!”
- * “Os jovens não sabem aproveitar os bons espaços da cidade.”
- * “A policia está preparada para lidar com os jovens.”
- * “Quando os jovens começam a ocupar a cidade eles veem os problemas da cidade?”
- * “Qual é o papel da cidade na vida dos jovens?”
- * “Os jovens até querem fazer alguma coisa mas o poder público sempre atrapalha”.
- * “Os jovens de hoje em dia estão muito violentos”

Anexo XXII

Os Jovens na cidade. Uma relação de aprendizado e educação

Leonardo Caldeira

Já reparou a naturalidade com que percebemos a escola como o único ou principal espaço educativo?

Um sociólogo chamado Paulo Carrano “pula o muro” da escola e considera a própria cidade como espaço educativo. Dessa forma estão entrando em cena mais dois atores importantes a se compreender no processo: O Jovem (considerado aqui como sujeito de conhecimento e de ação e não somente enquanto ‘aluno’), e a cidade.

Carrano classifica como ‘educativo’, todo processo que nos instiga a buscar transformações internas e de nossas condições de vida. O pensador nos estimula a entender as próprias relações sociais como sendo educativas. Além das relações em si, os espaços onde elas ocorrem também podem ser considerados espaços educativos.

Ao circular pela cidade encontramos contradições e problemas que nos fazem pensar sobre nossa própria vida e sobre o mundo que nos cerca. Somos convidados a refletir sobre as desigualdades sociais, as diversidades entre culturas, religiões, visões de mundo que as pessoas carregam consigo.

Encontrar com amigos, frequentar eventos, reunir o grupo ou participar de circuitos de jovens pela cidade, faz com que nos relacionemos não somente com pessoas, mas com a própria cidade, local de trocas, de conflitos e confrontos. O espaço é uma relação social, material e simbolicamente construído, praticado e legitimado.



Na relação entre os jovens e a cidade encontramos alguns momentos onde as práticas de apropriação desses espaços são potencializadas. O momento do lazer pode ser um exemplo claro, pois é um momento em que os jovens experimentam intensamente a autonomia e o afrouxamento das pressões e das coerções, é um momento de construção de identidades coletivas e individuais.

Se apropriar do espaço urbano é um passo fundamental para a construção dessas identidades e para a vivência da condição juvenil. Muitas vezes esse jovem ao ocupar a cidade se depara com problemas e ineficiência do poder público. Esse processo educativo cria espaços para a participação do jovem na exigência dos seus direitos, de políticas públicas para juventude, e para conscientização política de forma mais ampla. Os movimentos sociais e culturais de jovens têm ganhado forças, e essa visão de que a juventude não participa mais das lutas pelos direitos deve ser repensada, pois cada vez mais os jovens se posicionam como sujeitos de suas trajetórias, que estão carregadas de vivências, experiências educativas que extrapolam cada vez mais os muros da escola.

Anexo XXIII - LINKS Movimentos de Belo Horizonte citados.

Duelo de MCs <http://duelodemcs.blogspot.com.br/>
<http://www.youtube.com/watch?v=NHnT7GSICl4>

Praia da Estação <http://pracalivrebh.wordpress.com/category/prai-da-estacao/>
<http://www.youtube.com/watch?v=Xv3a07FG9OQ>

Movimento Fora Lacerda http://fora_wp.falasocial.com/
http://www.youtube.com/watch?v=ZXD_mHnLxxQ

Movimento Praça Livre BH <http://pracalivrebh.wordpress.com/>

Espaço Hardcore <http://hardcorebh.blogspot.com.br/>
<http://www.youtube.com/watch?v=TqMAkNXDekE>

Domingo Nove e Meia <http://domingo-nove-e-meia.noblogs.org/>
<http://www.youtube.com/watch?v=Zx3CrgLVy6Q>